

# O discurso em Inumeráveis:

## Relatos de vidas que importan



Janaina Dias Barcelos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho buscar refletir sobre a experiência narrativa do projeto *Inumeráveis*, que publica breves relatos sobre a vida de vítimas da Covid-19, em forma de homenagem, em sua página na Internet. Os textos devem conter uma memória que torna o homenageado único e especial, evidenciando que se trata da vida de pessoas e não apenas de números. Além disso, buscamos conectar essas narrativas à noção de vidas passíveis de luto, apresentada por Judith Butler. Adotamos o método da pesquisa bibliográfica em nossa abordagem teórica e a análise de conteúdo para observação preliminar de 24 relatos selecionados. Percebemos que as narrativas constituem traços de história de vida, biografia, testemunho e memória, além de carregarem elementos patêmicos.

**Palavras-chave:** Coronavírus; Relatos de vida; Inumeráveis.

**Abstract:** This article seeks to reflect on the narrative experience of the *Innumerable* project, which publishes short life stories of victims of Covid-19, in the form of a tribute on its website. The texts must have a memory that made the honoree unique and special, showing that it is about the lives of people and not just numbers. We seek to connect these narratives to the Judith Butler's notion of precarious life and lost lives that matter. We adopted the bibliographic research method in our theoretical approach and content analysis for preliminary observation of 24 selected reports. We realize that the narratives have traces of life storie, biography, testimony and memory, in addition to carrying pathemic elements.

**Keywords:** Coronavirus; Life stories; Innumerable.

**Resumén:** Este artículo busca reflexionar sobre la experiencia narrativa del proyecto *Innumerable*, que publica narraciones breves sobre la vida de las víctimas del Covid-19, en forma de homenaje, en su sitio web. Buscamos conectar estas narraciones con la noción de vida precaria presentada por Judith Butler. Adoptamos el método

- 1 Janaina Dias Barcelos - Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG, com estágio doutoral na Université Paris-Est Créteil, França, mestre em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra, Portugal, jornalista, professora do Departamento de Comunicação Social da UFRN

de investigación bibliográfica en nuestro enfoque teórico y análisis de contenido para la observación preliminar de 24 narraciones seleccionadas. Nos damos cuenta de que las narraciones son rastros de historias de vida, biografía, testimonio y memoria, además de llevar elementos patéticos.

**Palabras clave:** Coronavirus; Historias de vida; Innumerable.

## 1 Introdução

A pandemia do novo coronavírus já provocou milhares de mortes no mundo desde o início de 2020. No Brasil, os números de óbitos são assustadores e, muito mais que estatística, representam vidas que se foram e vidas que ficam após tais perdas. Numa iniciativa para mostrar as vidas por trás dos números, surgiu o projeto *Inumeráveis* – Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil, proposto pelo empreendedor social Rogério Oliveira, em parceria com o artista Edson Pavoni, lançado em 30 de abril de 2020<sup>2</sup>.

A proposta consiste em publicar um pequeno texto sobre a vida de vítimas da Covid-19, na página do projeto na internet, a partir de informações fornecidas por amigos e familiares dos falecidos. Jornalistas e estudantes de Jornalismo foram convocados a participar, voluntariamente, para encontrar histórias, fazer entrevistas e editar textos. O trabalho é feito por uma rede colaborativa, em que um repórter cria um texto para cada vítima, com base em informações enviadas por familiares ou amigos. O interessado também pode escrever diretamente no site, sendo o texto revisado por um jornalista antes de veiculado.

O material publicado é chamado de Texto Tributo e deve conter uma memória que tornava a pessoa única e especial. “O que eu aprendi é que as histórias penetram no coração num lugar onde os números não conseguem”, disse Pavoni em entrevista à *Folha*<sup>3</sup>. Ele descreve o projeto como “um esforço artístico, poético e jornalístico de contar cada uma dessas histórias”<sup>4</sup>. A primeira postagem no Instagram, assinada por Pavoni, sinaliza: “Não há quem goste de ser número, gente merece existir em prosa”<sup>5</sup>. Nos *stories* de apresentação

2 Nesse momento, o Brasil registrava em torno de 6 mil mortes por Covid-19. Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/30/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-30-de-abril.ghtml>. Acesso em: 12 jul. 2020.

3 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/projeto-inumeraveis-cria-memorial-de-vitimas-da-covid-19-no-brasil.shtml>. Acesso em: 18 mai. 2020.

4 @inumeraveismemorial

5 Idem

do projeto, explica que a iniciativa é “uma celebração de cada vida que existiu e que existe, e de como podemos entrelaçá-las para construir memória, afeto, respeito e futuro”<sup>6</sup>.

Como artista, o meu principal tema de estudo e pesquisa é conexão. Porque as pessoas se conectam, porque as pessoas se desconectam de uma determinada pessoa ou de um assunto. E hoje, por causa da pandemia, todos os dias a gente acorda com um número novo. Depois de um tempo, esse número vai perdendo o significado e a gente vai se desconectando do que ele realmente representa. E o que ele representa são vidas individuais, únicas, que estão sendo perdidas. (PAVONI, 2020, n.p.).

Em entrevista ao *Estado de Minas*, uma das participantes, a jornalista Alana Rizzo, explica que o projeto surge pela sensibilidade de enxergar que aqueles números são, na verdade, histórias, e de compartilhar quem são essas pessoas e o que as torna especiais<sup>7</sup>. A iniciativa ganhou maior projeção quando, aos domingos, algumas dessas histórias passaram a ser lidas e interpretadas por artistas durante o programa *Fantástico*, da *Rede Globo*.

Diante da sua repercussão na sociedade e nos meios de comunicação, *Inumeráveis* desperta nosso interesse em pensar no tipo de narrativas proposto pelo projeto, com a escrita do Texto Tributo. Desejamos promover reflexões no âmbito dos relatos de vida em conexão com um tema que se relaciona a cada um e a todos, que é a pandemia do novo coronavírus e suas vidas perdidas. Para tanto, nossa abordagem se baseia em pesquisa bibliográfica que contemple essas diferentes possibilidades narrativas.

## 2 Memorialístico e biográfico

Inicialmente, buscamos refletir sobre se seria possível situar os relatos elaborados para *Inumeráveis* em algum tipo de narrativa ou gênero. Os criadores da iniciativa mencionam que a intenção é contar as histórias dessas vidas perdidas. Não se trata de tarefa simples, uma vez que a definição de relatos ou histórias de vida se encontra dispersa, em diferentes áreas do conhecimento, o que dificulta uma sistematização. “O fato é que existem escritas difíceis de ser classificadas, e, dentre elas, a dos relatos/histórias/narrativas de vida”, aponta Machado (2019, p. 79), ao pensar em como conceituar esses modos de contar. Além disso, os relatos de vida do *Inumeráveis* são bem específicos, situados em um contexto peculiar.

As classificações de Machado (2011) ajudam nesse processo de

6 Idem

7 Disponível em:  
[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/06/interna\\_gerais,1144934/coronavirus-jornalistas-desenvolvem-memorial-on-line-para-vitimas-da.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/06/interna_gerais,1144934/coronavirus-jornalistas-desenvolvem-memorial-on-line-para-vitimas-da.shtml).  
Acesso em: 18 mai. 2020.

entendimento. Partimos da noção de que o relato de vida, em geral, tem como objeto dar vida, por meio do discurso, a alguém que existe ou existiu. Essa ideia de dar vida é bastante presente em *Inumeráveis*, que deseja personificar os números, mostrando que ali existem pessoas únicas com suas histórias particulares.

Percebemos que os Textos Tributo podem se aproximar de dois tipos de classificação propostos pela autora. Um deles é a biografia, ao integrar a história de alguém, contada por um outro que conheceu o biografado ou pesquisou sobre ele, trazendo à tona memórias e informações. A biografia pode ser elaborada sem a participação do biografado no processo de rememoração. No entanto, não se trata, nesse projeto, de um relato da vida do indivíduo, mas de um trecho que, brevemente, caracterize a pessoa e sua importância, um fragmento de sua existência.

Outra classificação à qual tais textos aderem é a narrativa de vida, em que o sujeito faz um relato de sua vida e relações com o mundo, história mediada por outro sujeito, que se situa entre o que foi dito e o que será escrito (MACHADO, 2011). Aqui, embora haja a mediação do jornalista na edição, a história das vítimas de Covid-19 não é contada pela própria pessoa, mas por um outro que a conheceu.

Portanto, como nos lembra Machado (2011), um relato pode ser bastante característico de um gênero ou não, apresentando transgressões, mesclando gêneros ou inovando em formas narrativas. Podemos dizer que *Inumeráveis* tem um caráter biográfico e de narrativa de vida, ainda mais considerando que a biografia absorve a narrativa de vida, conforme a autora. Entretanto, os Textos Tributo não poderiam ser classificados dentro desses gêneros de maneira específica.

A narrativa de vida surge, em *Inumeráveis*, para reconstruir ou rememorar um passado, porém em apenas um fragmento dele, que deve ser escolhido a partir de sua capacidade de representar o homenageado. O narrador terá de fazer um esforço para recuperar tais acontecimentos ou características e o fará a partir de sua intenção, de seu ponto de vista, já que se trata de um discurso testemunhal de quem conheceu a vítima da Covid-19. E é esse conhecimento pela convivência que fundamenta tanto sua fala, quando sua autoridade para emití-la.

Esse resgate da e pela memória nos remete à ideia de imagens-relicário, de Kossoy (2005): fotos de nossas experiências de vida que preservam, cristalizadas, as memórias. Ele fala de fotografias, mas podemos trazer a noção para outras formas de signos que cumpram a mesma missão. Em *Inumeráveis*, os trechos sobre o homenageado seriam essa relíquia que preservará sua memória, sua história, sua

vida. Assim como a fotografia tem duas realidades – a visível, que é a aparência do referente; e a invisível, que é a vida das pessoas e coisas retratadas, sua história, a gênese da foto (KOSSOY, 2005) –, o Texto Tributo traz tanto essa materialidade textual quanto a imaterialidade daquela vida vivida e das pessoas que compartilharam dela.

Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo da vida. Apreciando essas imagens, ‘descongelam’ momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida. (KOSSOY, 1999, p.138).

O Texto Tributo poderia cumprir esse papel de permitir regatar esses fragmentos de passado que tornam aquela vida presente, por causa da materialidade resultante do Memorial, como se descongelasse o conteúdo daquela existência. Assim, o Memorial se configuraria nesse relicário, um lugar destinado a guardar ou proteger coisas preciosas ou relíquias, aquilo que tem valor imenso: vidas que não são apenas números.

Não podemos, ainda, deixar de pensar nos obtuários, que igualmente tecem fragmentos de vidas que se foram, a partir de informações fornecidas por familiares e amigos, porém que também podem se apoiar na investigação jornalística. Marocco (2013, p. 373) apresenta dois tipos de obtuário na imprensa: um que enquadra a história do indivíduo de modo cronológico, padronizado e impessoal, “em tecido ralo, de pouca espessura”; outro marcado pela autoria e que passa por apuração jornalística. Neste último,

a morte se torna acessório de um acontecimento estético, cuja apreensão é concebida na relação entre o jornalista e o que se configura como um objeto de valor, em um ritmo que não é natural ao jornalismo; sua condição primeira é que a memória e/ou a lembrança nostálgica sejam cognitivamente elaboradas, alongando-se no espaço, entendido como possível de um jornalismo que criaria, especificamente no espaço do obituário, um lugar que quase não lhe diz respeito, mais apropriado para a história de pessoas importantes ou de indivíduos ordinários e sem importância ser acometida por um enredo literário (Greimas, 2002). (MAROCCO, 2017, p. 374).

Entendemos que, apesar de encarar o mesmo objeto que o

obituário – a morte e os mortos –, *Inumeráveis* não se situa no mesmo campo proposto pelos obituários no Jornalismo, embora ambos tenham em comum a memória ou o acontecimento nostálgico como condição primária. O Texto Tributo nada tem de impessoal, por um lado; nem consistiria num relato autoral, por outro.

8 Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=memorial>. Acesso em: 20 mai. 2020.

### 3 Memorial, homenagem, tributo

Outro aspecto que chama atenção são estas outras formas que permeiam os textos do projeto – o memorial e a homenagem –, bem como o nome dado ao texto produzido: tributo. Conceder um tributo a alguém, materializado num texto verbal, significa homenagear esse indivíduo, ou seja, demonstrar respeito ou admiração, o que já interliga duas dessas três palavras. Essa demonstração pode vir em forma de memorial, isto é, um relato descritivo de memórias ou um escrito em que se relatam e registram fatos memoráveis, considerando definições do Dicionário Michaelis<sup>8</sup>. Materialmente, pode tomar a forma ainda de um monumento arquitetônico erigido em homenagem a pessoas ou coisas dignas de serem lembradas. Em *Inumeráveis*, o tributo ou homenagem toma corpo em um relato em texto verbal, proveniente de um exercício de memória, de alguém que conheceu a vítima da Covid-19. A intenção seria deixar um registro sobre aquela pessoa, que a torne memorável.

Percebemos que a intenção de resgatar uma memória referente ao homenageado perpassaria tanto esse relato memorialístico, quanto o biográfico e a narrativa de vida, fundindo essas propostas genéricas em um material peculiar. Sabemos que é tarefa complexa pensar sobre tipos de gêneros, uma vez que não existe consenso nem entre teóricos da Literatura, da Linguística e áreas afins, pois pode haver fronteiras tênues entre tipos textuais, bem como confluências que se amalgamam. Um gênero pode trafegar por outro ou outros gêneros. Logo, não temos pretensão, neste artigo, de definir a qual gênero pertenceria o Texto Tributo de *Inumeráveis*, mas desenvolver reflexões que nos ajudem a compreender melhor as possibilidades de uma prática discursiva que surge na contemporaneidade, associada a um contexto bastante específico e novo, mas que atingiu toda a humanidade. E para a qual foram convidados jornalistas, a fim de atuarem na seleção e edição do material. O luto e o indizível da dor ganham forma no âmbito da dimensão midiática, materializadas em texto e em homenagem, na visibilidade possibilitada pelas telas pelas quais agora as pessoas interagem em tempos de isolamento social.

Parece-nos, em síntese, que a questão da memória é elemento crucial no projeto analisado, o ponto que ligaria os relatos. E é o que

faz com que a homenagem seja configurada em textos, os quais variam em forma, tamanho e conteúdo, a depender de onde parte a memória: mãe, pai, amigo, neto, irmã. “A palavra memória, de origem latina, deriva de *memor* e *oris* e significa ‘o que lembra’, ligando-se, assim, ao passado; portanto, ao já vivido” (BRUM, 2015, p. 15). Desse modo, quem conta sobre o homenageado vai se lembrar de algo vivido naquela biografia. Se, nas memórias, que são uma narração de caráter pessoal escrita por alguém que viveu ou testemunhou o que é contado, volta-se ao passado para compor a narrativa, na biografia, essas memórias irão privilegiar um momento específico dessa vida, ou características dessa vida individual, como Brum (2015) nos ajuda a perceber.

Portanto, entendemos que *Inumeráveis* reúne relatos de parte de uma vida que merece ser lembrada. E essa breve narrativa pode colaborar para que o leitor desperte um olhar mais aberto ao outro, numa relação de alteridade e empatia que promova identificação. Acreditamos na possibilidade oferecida por essa narrativa de valorizar o sujeito cuja história é contada, de modo a projetar sua voz e sua vivência, bem como apresentá-la de forma digna e com respeito à sua trajetória e às suas características pessoais. Afinal, ali há uma vida, não apenas um número.

#### 4 Função catártica

Quando levamos em conta o objetivo de *Inumeráveis*, os personagens homenageados e o contexto que os envolve, de morte em uma pandemia, ganha força a reflexão sobre como uma escrita memorialística teria função catártica para quem a consome. Isso porque não podemos pensar na produção de tais textos, sem considerar os sujeitos que os receberão. E uma das maneiras de propiciar essa catarse seria o emprego de estratégias patêmicas, que despertam emoções. Como esclarece Machado (2019, p. 80), trata-se de “introduzir elementos linguageiros suscetíveis de emocionar o leitor, para fazê-lo entrar em seu relato, em seu mundo, para fazê-lo compreender melhor tudo o que foi vivido”. A autora aborda como esses efeitos podem atuar:

Os efeitos patêmicos funcionarão mediante três condições: (1) a existência de um dispositivo de comunicação favorável à eclosão de tais efeitos; (2) a existência de um campo temático no qual os acontecimentos ali reunidos sejam propícios à aparição de um universo ligado à patemização e sua organização em tópicos; (3) a existência de um espaço de estratégias que se abra para tais situações patemizantes (CHARAUDEAU, 2010, p. 40; REIS, 2016, p. 144-147). (MACHADO, 2019, p.88).

A partir das condições elencadas acima, identificamos que, em *Inumeráveis*, existem: um dispositivo de comunicação, que favorece a eclosão dos efeitos patêmicos; e um campo temático, carregado da testemunhalidade, que reúne acontecimentos propícios a um universo patêmico – mortes causadas por uma pandemia. Cabe-nos observar, na análise dos textos, se pode-se encontrar estratégias discursivas que favoreçam esse direcionamento.

Fizemos a seleção de um *corpus* para uma análise bastante preliminar ainda, mas que já dá pistas para compreender a proposta discursiva dessas narrativas. O procedimento adotado para definir a amostra foi escolher o primeiro relato de cada letra do alfabeto<sup>9</sup> num determinado dia. Como a página é alimentada periodicamente, definimos uma data aleatória para a coleta<sup>10</sup>, totalizando 24 relatos, um para cada letra. O método empregado foi a análise do conteúdo (BARDIN, 2011), a partir da observação de palavras e expressões como unidades de registro, de modo a obter indicadores que nos permitissem algumas inferências.

Numa observação inicial dos relatos selecionados, um ponto em comum foi o emprego de adjetivos para qualificar, positivamente, a pessoa. Todos os textos trazem esse aspecto de forma marcante, como modo de caracterizar aquela personalidade, valorizando-a no que tinha de melhor e merece ser destacado em sua individualidade. Esse aspecto atende a uma característica que configura emoção no discurso, segundo Charaudeau (2000): tais palavras e expressões traduzem um estado qualitativo de ordem afetiva.

Observamos, ainda, que, em quase metade dos textos analisados, fica explícita a questão da saudade, da falta, da lembrança. A maioria também enfoca a relevância familiar do homenageado. Ou seja, trata-se de características que constituem saberes de crença a partir de imaginários sociodiscursivos<sup>11</sup> capazes de provocar reações comportamentais, outro ponto que Charaudeau (2000) destaca. O emprego de adjetivos positivos<sup>12</sup>, o destaque para os laços de família<sup>13</sup> e a evidência da dor da separação<sup>14</sup> podem se configurar como recursos discursivos capazes de despertar emoções.

Além desses elementos patêmicos, a emoção do discurso também é mobilizada tanto pelo tema em si – morte na pandemia –, quanto pelo dispositivo de comunicação que favorece esse aspecto: a página com o objetivo de homenagem/memorial. Ademais, ao trazer a relação ou grau de parentesco de quem forneceu os dados com aquele que partiu, o relato consegue promover identificação com a história de vida, sendo capaz de gerar empatia.

Diante do caráter de construção dos textos de *Inumeráveis*, bem como do contexto de dor que os envolve, é provável que não haja essa

9 No site, os relatos são organizados por ordem alfabética.

10  
18 de maio de 2020.

11 Imaginário sociodiscursivo é um conceito proposto pelo pesquisador francês Patrick Charaudeau para integrar a noção de imaginário ao quadro teórico da Análise do Discurso. Os imaginários sociodiscursivos seriam uma forma de apreender o mundo; um universo de significação do real; sociais por serem uma atividade de simbolização do mundo que ocorre nas práticas sociais e circula na sociedade, e discursivos por se materializarem em enunciados linguageiros.

12 Ex.: bom, correto, especial, engraçado, amigo, determinado, alegre, carinhoso, incrível, coração amável, referência, inteligente, carismático, hospitaleiro, doce, companheiro, parceiro, querido, sonhador, corajoso, afetivo/a.

13 Ex.: pai exemplar, especial, guerreiro, generoso, amigo; paixão pela família; ligado à família; amor pela irmã..

14 Ex.: perda inestimável; não teve oportunidade de se despedir; foi embora cedo demais; falta, dor, saudade.



intencionalidade explícita ne elaboração de estratégias discursivas, inclusive com função patêmica. Entendemos que a intencionalidade, neste caso, é mais sutil, precebida nas entrelinhas e no foco da página. Como esclarecem Mari e Mendes (2007), ao estabelecerem relações entre processos de enunciação e emoção:

Essa dimensão emocional posta em ação nas práticas discursivas se manifesta sob a forma de múltiplos efeitos de sentido engendrados em função de situações de interação/comunicação historicamente determinadas, que pressupõem uma rede complexa de posições sociais ocupadas pelos interlocutores, crenças e valores partilhados e formas complexas de intencionalidade individual e coletiva. (MARI; MENDES, 2007, p. 167-168)

Acreditamos que essas emoções no discurso podem ser incorporadas ao texto intuitivamente pelo narrador, uma vez que estamos inseridos numa cultura que fornece uma série de representações sociais que nos ajudam a reconhecer o mundo e viver nele, assim como estabelecer relações sociais. Charaudeau (2000, p. 131 apud MACHADO, 2019, p. 80) explica que tais emoções estão inseridas em “saberes de crença”, partilhados por uma comunidade, “polarizados em torno de valores socialmente constituídos”. Lembramos que, apesar de passar pela mediação de um jornalista, os textos produzidos se originam de pessoas que não são profissionais da escrita.

Mari e Mendes (2007) sinalizam que um ato de linguagem que expresse, por exemplo, lamento, agradecimento ou congratulação, manifesta uma carga emocional constitutiva do seu sentido. Portanto, se pensarmos no teor do Texto Tributo, que abarca um ato de linguagem que expressa homenagem e sentimentos de saudade e de admiração por quem partiu, tais emoções poderiam ser mobilizadas discursivamente.

## 5 Jornalismo e humanização

A proposta de *Inumeráveis*, ao nomear e contar, está em sintonia com uma inquietação de Lima (2015), com a qual concordamos, de que temos um desafio ao criarmos espaço para determinadas vozes. Se levarmos em conta que os relatos de vida do projeto passam pela mediação jornalística, que checa as informações e lhes confere determinada forma textual, cabe-nos, “como jornalistas e pesquisadores preocupados com os cidadãos, com a qualidade da vida pública e, principalmente, com a qualidade do Jornalismo, dar

crédito a essas narrativas de vida subalternas, excluídas do debate público” (LIMA, 2015, p. 199). Essas pequenas histórias de vida trazem fragmentos de trajetórias pessoais e suas experiências, as quais, compartilhadas, podem contribuir para refletir sobre a vida, suas potencialidades e complexidades.

Nesse sentido, é importante ponderarmos sobre a ilusão de que os meios de comunicação levariam ao conhecimento de todos os problemas relevantes de uma sociedade. Soares (2009) atenta para o fato de ser uma falsa visibilidade, uma falsa transparência, pois é preciso manter diferentes representações de uma sociedade, aspecto que a mídia não considera em seu processo de (falsa) homogeneização. O autor, citando Curran (1996)<sup>15</sup>, aponta que: “Transformada em mercadoria, a informação acaba sendo simplificada, condensada, personalizada, descontextualizada, dando ênfase à ação em vez de ao processo, à visualização em vez de à abstração, ao estereótipo em vez de à complexidade humana” (SOARES, 2009, p. 116).

Considerando esse contexto, a participação de jornalistas, como mediadores, em espaços que buscam visibilidades outras que os meios convencionais não ofertam, pode colaborar para ampliar e amplificar debates. O projeto *Inumeráveis*, ou propostas nesse âmbito, poderia se constituir em um espaço dessa natureza, ao buscar conferir visibilidade a vidas que não sejam apreendidas apenas estatisticamente. Essa ideia nos remete a outra, apresentada por Butler (2016), sobre quais vidas importariam, com a qual *Inumeráveis* pode dialogar.

## 6 Vidas passíveis de luto

Butler (2016) aborda como os modos culturais regulam disposições afetivas e éticas ao enquadrar a violência de modo seletivo e diferenciado. Nesse contexto, ela trata das vidas levadas, perdidas, e do enquadramento como molduras pelas quais apreendemos – ou não – essas vidas que se foram. Molduras que podem tanto restringir como configurar o olhar.

Esses apontamentos nos levam a questionar como as vidas perdidas para a Covid-19 são enquadradas pela mídia. Não é nosso foco aqui analisar esses modos de emoldurar, mas é importante fazer a pergunta ao estudarmos o caso de *Inumeráveis*, já que o projeto surge justamente por considerar que as pessoas são vistas, em geral, como números, sem que suas histórias, únicas, sejam consideradas.

Esse pensamento nos faz refletir sobre o reconhecimento do qual Butler (2016) fala, que vai além de conhecer. Os meios de comunicação podem dar a conhecer as mortes, mas esse processo implicaria, como

15 C.f. CURRAN, J. Mass media and democracy revisited. In: CURRAN, J., GUREVICH, M. (Eds.) Mass media and society. Londres/N.York/Sidney/Aukland: Arnold, 1996.

a autora pontua, uma relação recíproca, igualitária? A moldura oferece o conhecimento sobre algo, que é uma forma de organizar e apresentar a situação. Mas existe a possibilidade de “enquadrar o enquadramento” (BUTLER, 2016, p. 23), questionando a moldura, ou seja, mostrando que ela não contém tudo, a cena completa, que há mais coisas de fora que fazem o de dentro ser reconhecível. Será que *Inumeráveis* poderia ser esse questionamento da moldura que enquadra os mortos vítimas da pandemia do coronavírus?

O que acontece quando um enquadramento rompe consigo mesmo é que uma realidade aceita sem discussão é colocada em xeque, expondo os planos orquestradores da autoridade que procurava controlar o enquadramento. Isso sugere que não se trata apenas de encontrar um novo conteúdo, mas também de trabalhar com interpretações recebidas da realidade para mostrar como elas podem romper e efetivamente o fazem – consigo mesmas. Por conseguinte, os enquadramentos que, efetivamente, decidem quais vidas serão reconhecíveis como vidas e quais não o serão devem circular a fim de estabelecer sua hegemonia. Essa circulação reitera, ou melhor dizendo, é a estrutura iterável do enquadramento. Conforme os enquadramentos rompem consigo mesmos para poderem se estabelecer, surgem outras possibilidades de apreensão. (BUTLER, 2016, p. 28).

Os enquadramentos estatísticos poderiam, portanto, ser rompidos por outra moldura que resgataria as histórias de vida das vítimas, de modo a torná-las reconhecíveis, como pretende *Inumeráveis*. Para Pavoni (2020), seria uma forma de estabelecer conexões, tanto entre quem fica e quem parte, quanto com o próprio acontecimento e com um universo de leitores que tem acesso às histórias:

Tem uma magia mesmo em passar alguns minutos contando para alguém que você não conhece o quanto o seu homenageado, aquela pessoa que faleceu e que você ama tanto era único, era especial, era importante para o mundo. E quando eu entendi, desliguei, escrevi junto com a Alana [Rizzo, jornalista], a gente olhou para os textos, leu e entendeu a energia completa ali, eu entendi que aquela unidade, aquelas duas histórias tinham em si uma energia de cura e de conexão com o que estava acontecendo. Quando você ouve a pessoa, você escreve essas histórias e depois de ler essas histórias é impossível ficar de verdade desconectado do que está acontecendo lá fora. (PAVONI, 2020. n.p.).

Logo, a escritura dos pequenos relatos de vida em forma de memorial, a partir de testemunhos e lembranças, re-enquadraria a realidade dos óbitos por Covid-19, deslocando o sentido de morte para o de celebração da vida, apesar da tristeza e da saudade, pois a página na internet “é um espaço muito solene, mas também de muita celebração dessa vida que existiu e tudo que ela transformou” (PAVONI, 2020, n.p.).

Benetti (2020)<sup>16</sup> aponta como a pandemia cria cenários discursivos complexos e ricos, propiciando reflexões sobre os sentidos propostos em relação ao tema e às vozes que circulam, tanto aquelas reiteradas como fontes legítimas, quanto as que integram os silenciamentos. No jornalismo, esse cenário seria um espaço de circulação de discursos muito tensionados e até mesmo fragmentados. No entanto, eles trazem em comum um aspecto: a morte, tema de caráter universal, que coloca todos diante da condição humana, como pontua a pesquisadora. Nesse contexto, os discursos podem ser uma via para a vivência do luto.

Como espaços discursivos que buscam viver esse luto, ela destaca o próprio *Inumeráveis*, além do *Toda vida importa*<sup>17</sup>, memorial para vítimas da Covid-19 no Rio Grande do Sul; do *Aqueles que perdemos*<sup>18</sup>, especial lançado em abril pela *Folha de S. Paulo*; e da capa histórica do jornal *O Globo*<sup>19</sup>, inspirada no *Inumeráveis* e realizada em parceria com ele, a qual traz nomes de vítimas da Covid-19 e breves relatos sobre elas, um dia após o Brasil registrar mais de 10 mil óbitos.

Além da capa, *O Globo* dedicou duas páginas internas a uma reportagem sobre o tema. “Apesar de toda a sociedade estar mobilizada, os parentes dos mortos sentem uma falta de empatia generalizada com relação ao seu luto. Familiares e amigos estão sofrendo também com a banalização dessas mortes”, relata o repórter Rennan Setti, que entrevistou pessoas que perderam entes queridos<sup>20</sup>.

Considerando o pioneirismo de *Inumeráveis*, podemos refletir sobre as iniciativas posteriores adotadas pela mídia tradicional, no sentido de destacar o fato de serem vidas e não apenas estatística, como um re-enquadramento do re-enquadramento. Da moldura inicial do registro jornalístico apenas numérico, as mortes foram re-emolduradas a partir de um outro olhar pelo projeto *Inumeráveis*, cujo enquadramento foi adotado pela mídia tradicional. Esses rompimentos podem possibilitar novas formas de apreensão da realidade, como aponta Butler (2016), ao mostrar que o número de mortos não é a cena completa, que ela abarca muito mais.

Em ensaio, ainda inédito no Brasil, Butler (2020) aborda sobre uma nova solidariedade contra a violência, para enfrentar a época atual, que se encontra marcada pelo conflito permanente<sup>21</sup>. A filósofa fala da necessidade de reconhecimento público de perdas que continuam desconhecidas e sem chorar, a partir de um questionamento: “em que

16 Em fala em evento online.

17 Iniciativa do jornalista Paulo Serpa Antunes, em sua página na internet, desde abril de 2020. Disponível em: <https://jornalismodigital.jor.br/covidrs/>. Acesso em: 4 jul. 2020.

18 O especial estreou com 125 textos escritos por colunistas, colaboradores e jornalistas da Folha. Disponível em: <https://arte.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/historias-das-vitimas-do-novo-coronavirus/#/>. Acesso em: 4 jul. 2020.

19 Manchete “10 mil histórias”, publicada em 10 de maio de 2020.

20 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/meu-oglobo/uma-homenagem-do-globo-as-mais-de-10-mil-vidas-perdidas-na-pandemia-de-coronavirus-24421331>. Acesso em: 4 jul. 2020.

21 O trecho publicado pelo El País integra o livro “Sin Miedo – Formas de Resistencia a la Violencia de Hoy” (Taurus), lançado em 9 de julho na Espanha, inédito no Brasil.

circunstâncias é possível lamentar uma vida perdida?”<sup>22</sup>.

Apesar de, nesse texto específico, focar em mortes violentas, com destaque para o feminicídio, essa noção das vidas “choráveis”, que caminha juntamente com a de vidas “passíveis de luto”, leva-nos a pensar sobre a intenção de *Inumeráveis* de deixar explícito, com o memorial, o quanto aquelas vidas importam. Quando a autora levanta tais questionamentos, ela se refere a vários tipos de morte, tanto aquela violenta, quanto a resultante de ações humanas, institucionais ou políticas, bem como a causada por negligência sistêmica por parte do Estado.

Desse modo, toda vida deveria ser levada em conta, seja enquanto viva ou depois de morta: “se uma vida pode ser destruída ou desaparecer sem deixar rastro ou consequências aparentes, isso significa que essa vida não foi plenamente concebida como viva e, portanto, não foi plenamente concebida como chorável” (BUTLER, 2020, n.p.). Acreditamos que o projeto *Inumeráveis* pode ser uma via para mostrar que essas vidas são choráveis, já que são únicas e não apenas números. Além disso, ao destacar cada história particular no Texto Tributo, reconhece que “essa vida era de fato uma vida, que estava viva; que sua perda é uma perda, a perda de uma vida futura, da futuridade que define uma vida vivível” (BUTLER, 2020, n.p.).

Outro ponto para refletirmos, que envolve a morte por Covid-19, é a dificuldade de se viver o luto, já que não são permitidos velórios e, na maioria dos casos, não há chance para despedidas, uma vez que o paciente fica isolado e, após o óbito, o enterro deve ser rápido, em caixão fechado, com o mínimo de pessoas. Diante desse contexto, trazemos a ponderação de Butler (2020) sobre o direito e a possibilidade de chorar essas mortes. O *Inumeráveis* pode ser, além de uma homenagem em forma de narrativa, a chance de exercer o direito de chorar, de chorar publicamente, afinal, como aponta Butler (2020, n.p.), “o luto público pode se tornar um ato político”.

## 7 Algumas considerações

O jornalismo vem repensando seus espaços de atuação e os modos de sintonizar novamente com um público disperso, mais autônomo na busca e produção de conteúdo e que navega em multiplataformas. O resgate de histórias de vida vem sendo um dos caminhos – que, na verdade, nunca deixou de existir – para criar conexão e trazer muito mais do que informação “objetiva”.

Para além de ser uma estratégia de humanização e captação, esse tipo de relato pode ter sua autonomia narrativa, além de ser uma via para potencialização de vozes e para apresentação de personagens

22 Disponível em: [https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nosso-mundo-publico.html?fbclid=IwAR3td20ZKdbpoaKsSmPnPDnfOmWnRWwGgPtm-0KBQtlmD\\_RRpF62yZBpvlI](https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nosso-mundo-publico.html?fbclid=IwAR3td20ZKdbpoaKsSmPnPDnfOmWnRWwGgPtm-0KBQtlmD_RRpF62yZBpvlI). Acesso em: 11 jul. 2020.

com dignidade, alteridade e empatia. Entendemos como narrativas humanizadas aquelas, de acordo com Medina (2017, p. 195), “geradas na compreensão do cotidiano a partir de uma escuta solidária” e por uma relação sensível com fontes e acontecimentos. Assim como a autora, defendemos uma opção ética de compromisso social, de “abertura sensível de estar afeto a” (MEDINA, 2017, p. 197).

O exemplo de *Inumeráveis*, que não se encaixaria prontamente na caixinha de algum gênero jornalístico, mesmo porque, apesar da mediação do profissional do Jornalismo, surge da autonomia de quem dá o testemunho, vem nos permitir uma série de reflexões. E o fato de a página ter se tornado referência para a grande mídia pensar seu enquadramento das vítimas da Covid-19 também evidencia a necessidade de se buscar, constantemente, uma prática jornalística humanizada e empática.

Entendemos que o Texto Tributo traz características biográficas, testemunhais, memorialísticas, de homenagem e, acima de tudo, busca resgatar a relevância de se compreender a individualidade de cada uma dessas vidas. Que essas vidas precisam e merecem ser choradas e, acima de tudo, lembradas. Homenageadas. E um dos caminhos para isso é contá-las.

Mostrar que essas vidas importam, que são passíveis de luto e de homenagens, poderia ser um caminho para que possam emergir outras instâncias de enunciação, com narrativas que complexificam os fatos. Como propõe Resende (2020), poderiam ser narrativas que tangenciam a pandemia, ofertando outros caminhos de conhecer essa realidade na arena de disputa de sentidos em que se debate o jornalismo tradicional.

Esperamos que este artigo possa colaborar para que essas reflexões sobre relatos que têm como base histórias de vidas venham à tona com vigor e que despertem em nós o desejo de buscar uma prática profissional voltada para o ouvir, para o respeito e para a alteridade. E que seja possível compreender que toda vida importa.

## Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BENETTI, Márcia. Perspectivas narrativas e discursivas na cobertura da pandemia. In: A pesquisa em Jornalismo em tempos de COVID-19, 5º episódio, 19 jun. 2020 [Transmitido ao vivo pelo Facebook]. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2020 (1h46m45s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yukOlw5d3Vs>.

BRUM, Andréa Ferraz. Narrativas memorialísticas: tecendo a própria história. In: \_\_\_\_\_. **O empoderamento através das narrativas memorialísticas**: ressignificando a prática escolar [Dissertação de Mestrado]. 64 p. São Leopoldo: EST/PPG, 2015, p. 14-30.

BUTLER, Judith. Judith Butler: “De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público?”. **El País**, Brasil, 10 jul. 2020. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nosso-mundo-publico.html?fbclid=IwAR3td20ZKdbpoaKsSmPnPDnfOmWnRWwGgPtm-0KBQtlmD\\_RRpF62yZBpvll](https://brasil.elpais.com/babelia/2020-07-10/judith-butler-de-quem-sao-as-vidas-consideradas-choraveis-em-nosso-mundo-publico.html?fbclid=IwAR3td20ZKdbpoaKsSmPnPDnfOmWnRWwGgPtm-0KBQtlmD_RRpF62yZBpvll). Acesso em: 11 jul. 2020.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Une problématisation discursive de l’émotion. À propos des effets de pathémisation à la télévision. In: PLANTIN, Christian; DOURY, Marianne; TRAVERSO, Véronique (Orgs.). **Les émotions dans les interactions**. Lyon: Presses Universitaires, 2000. p. 125-155.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Senac, 2005. p. 39-46.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LIMA, Marcos Antonio Assis. Narrativa de vida e jornalismo. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 7, n. 1, p. 187-200, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/2990>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MACHADO, Ida Lúcia. As duas vidas de uma transclasse. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 19, v. 2, p. 71-92, dez.2019.

MACHADO, Ida Lúcia. Histórias discursivas e estratégias de captação do leitor. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 59-74, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3935>. Acesso em: 10 mai. 2021.

MARI, Hugo; MENDES, Paulo Henrique A. Enunciação e emoção.

In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília (Orgs.). **As emoções no discurso**. Volume 1. Rio de Janeiro: Lucena, 2007. p. 150-168.

MAROCCO, Beatriz. Fragmentos de vidas exemplares. **Famecos**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 372-389, mai./ago. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/Janaina/Downloads/12106-Texto%20do%20artigo-57807-1-10-20130916%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Janaina/Downloads/12106-Texto%20do%20artigo-57807-1-10-20130916%20(1).pdf). Acesso em: 10 mai. 2021.

MEDINA, Cremilda. Jornalismo e compromisso social: a arte do diálogo e das vozes plurais em Cremilda Medina. [Entrevista concedida a] Ana Lúcia Medeiros. **Âncora**, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 193-205, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/40090/20128>. Acesso em: 10 mai. 2021.

PAVONI, Edson. Edson Pavoni: “A função do Inumeráveis é não deixar nenhuma dessas histórias virar número”. [Entrevista concedida a] Rafael Duarte. **Saiba Mais**, Natal, 21 jun. 2020. Disponível em: <https://www.saibamais.jor.br/edson-pavoni-a-funcao-do-inumeraveis-e-nao-deixar-nenhuma-dessas-historias- virar-numero/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

RESENDE, Fernando. Perspectivas narrativas e discursivas na cobertura da pandemia. In: A pesquisa em Jornalismo em tempos de COVID-19, 5º episódio, 19 jun. 2020 [Transmitido ao vivo pelo Facebook]. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2020 (1h46m45s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yukOlw5d3Vs>.

SOARES, Murilo Cesar. Jornalismo e democracia, além das antinomias. In: \_\_\_\_\_. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo, Editora Unesp; Cultura Acadêmica, 2009. p. 103-127. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/kgsw8/pdf/soares-9788579830181-06.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2020.

RECEBIDO EM: 03/05/21 ACEITO EM: 29/08/21